

## 5

### Conclusão

O ponto de partida das questões que buscamos desenvolver nesta pesquisa foi dado pela clínica, mais especificamente, pela clínica com crianças. Nesse sentido, buscaremos aqui extrair algumas consequências e indicações clínicas que puderam ser apreendidas das formulações que percorremos no decorrer da construção deste texto.

Situamos o complexo de Édipo como ponto de partida por ter sido a forma como Freud nomeou o que ele começava a delimitar das relações da criança com o Outro. A partir da incidência do Nome-do Pai, pudemos constatar como é possível para uma criança se apropriar do falo simbólico e ser inserida na lógica do “ter” ou “não ter” em substituição à lógica de “ser” ou “não ser” o falo<sup>1</sup>, característica que se institui através do falo imaginário. Ao assumir o falo em sua função simbólica, ele passa a servir como ferramenta para que a criança possa se desprender do aprisionamento que pode significar “ser o falo” junto à mãe, representação do Outro para a criança. Ou seja, “ser o falo” para a mãe mantém a criança nesse aprisionamento porque lhe fornece um lugar privilegiado junto a ela, mas, com isso, se impõe uma limitação, pois esse lugar de falo não se sustenta se ela se deslocar dessa imagem. Por isso, a passagem do falo imaginário para o falo simbólico é tão importante, pois permite que a criança constate a falta que está camuflada nessa relação a dois e, assim, possa construir outros lugares para si.

Dessa maneira, no primeiro capítulo foi possível constatar como se constrói essa ferramenta. Ela já está dada no campo simbólico, mas a criança precisa encontrar a sua forma de fazer com ela, operação que se dá a partir do que Lacan chamou de metáfora paterna. O alcance desse recurso é evidente, pois permite que a criança se descole do lugar de objeto situado na posição de “ser o falo” para a mãe e que significa aqui “ser o que lhe falta”.

---

<sup>1</sup> Cf. Lacan, 1957-58/1999, p. 192.

Com a introdução do falo simbólico, muda o lugar da criança em relação ao Outro e talvez pudéssemos dizer que muda sua relação com o gozo, pois ela cria um afastamento do lugar de objeto do Outro e, com isso, deixa de estar submetida a um gozo que é do Outro e pelo qual ela ainda não responde inteiramente<sup>2</sup>. Com isso, se trata de produzir distanciamento e alguma separação, pois, como vimos demonstrando, esse lugar de objeto que se foi para o Outro em seu aspecto mais originário se refere ao objeto *a* e deixa vestígios que não são nunca eliminados.

Em última instância, podemos dizer que o objeto que se foi para o Outro remete ao objeto *a* pois, como procuramos demonstrar no capítulo 2, o falo se estabelece como falta (*-phi*) a partir da “queda” desse objeto. Por isso, falar da posição de objeto que uma criança ocupa junto ao Outro pode assumir essas duas possibilidades, falo ou objeto *a*. Mas, de alguma maneira, ambas estão referidas a esta falta que se institui com a divisão subjetiva e a consequente “queda” do objeto *a*. Pensar o falo passa a ser o passo seguinte, como tentativa de solução ou representação para a falta que assim se instituiu.

Nesse sentido, esse primeiro momento coloca como central a formalização do falo como significante por Lacan e, a partir deste, a delimitação da falta como algo dado para o sujeito. Isto se dá, como vimos, porque o falo, ao se deslocar de imaginário para simbólico, deixa sua fixação em uma imagem para funcionar como símbolo que inclui uma falta. Quer dizer, o valor fálico passa a estar presente também como ausência e não mais só como presença. Na verdade, o falo imaginário já contém o falo simbólico como possibilidade, o que indica que a partir de Lacan não se pode mais falar em relação dual, pois mãe e criança nunca estão totalmente sozinhas<sup>3</sup>.

Essa referência ao falo, apoiada na função do Nome-do-Pai, portanto, atualiza a falta e indica a saída que será realizada através do que Freud denominou de dissolução do Édipo. E com essas definições estabelece-se também, mais claramente, a diferença entre ameaça de castração, como ameaça da perda, referida ao seu aspecto imaginário; e castração como falta estrutural, como o que institui algo perdido de saída e que se refere ao seu aspecto simbólico.

---

<sup>2</sup> Como mencionamos na introdução, partimos da diferenciação proposta por Laurent (2003) entre criança e adulto a partir da relação que cada um estabelece com o gozo. Sendo o adulto aquele que se faz responsável por seu gozo, por sua forma de encontrar satisfação.

<sup>3</sup> Cf. Lacan, 1956-57/1995, p. 247.

Em suma, esse primeiro momento evidencia o esforço de Lacan em definir a preponderância do simbólico sobre o imaginário e em demonstrar como ele se constrói retomando as referências de Freud sobre o Édipo. O que é interessante e desmonta um pouco a ideia de uma evolução do imaginário em direção ao simbólico, ou de Freud até Lacan, é que alguns desses elementos já podem ser identificados na obra de Freud. Apesar de todas as referências imaginárias de que Freud faz uso para demonstrar o funcionamento da castração, ele a coloca como algo dado para todos, independente da história pessoal, o que nos permite deduzir que já é possível identificar a referência à uma estrutura simbólica como algo presente em sua teorização.

Podemos dizer, então, que o falo imaginário em Freud já continha o falo simbólico como uma possibilidade. Lacan parece ter retomado essas referências que ficavam apenas mencionadas, ainda incipientes e as formalizado em forma de conceito. Aqui se encontra a resposta a uma das questões formuladas inicialmente sobre as contribuições de Lacan para o Édipo freudiano e que se encontra, portanto, respondida com o percurso que realizamos no primeiro capítulo.

O recurso ao falo simbólico será ressituated e esclarecido em sua função a partir do segundo capítulo, quando apresentamos o conceito de objeto *a*. Pudemos acompanhar o movimento de Lacan em retomar estes conceitos, como o falo e a castração no *Seminário 10*, permitindo que se avançasse em suas definições. Naquele momento, com a formulação do objeto *a* em seu estatuto de real, como pudemos acompanhar a partir do recurso do esquema ótico introduzido por Lacan, o objeto introduz um furo na imagem do corpo. O que permite, ao mesmo tempo, que se delimite o objeto, resto da divisão subjetiva, como irreduzível ao significante.

A introdução do registro real reorganiza o que vinha sendo apresentado até ali. Se com o simbólico se estabeleciam alguns limites na relação imaginária, com a introdução do real, a impossibilidade da completude entre sujeito e objeto fica definitivamente colocada. Introduce-se uma impossibilidade radical, para além do que poderia ser pensado como insuficiência, referida ao aspecto imaginário. E essa mudança tem consequências decisivas. Para a sexualidade feminina, exemplo de que podemos nos utilizar por ser uma referência central para se pensar o Édipo e o lugar da criança em relação ao falo, ocorre uma reviravolta. É a passagem da mulher que “não tem” o falo, para a definição, dada a partir daqui, de que

ninguém “tem”, pois o que se coloca de saída e para todos é a falta a partir da entrada na linguagem, ou seja, para todo ser falante.

Aqui se podem depreender importantes direções clínicas. O objeto em seu estatuto de real passará a ser um recurso imprescindível para a clínica em geral e, especificamente, para a clínica com crianças. Em primeiro lugar, podemos retomar a passagem da insuficiência para a impossibilidade que pode ser deduzida da castração e que pode ser uma indicação quanto à direção da interpretação. Se a interpretação tiver esse efeito de corte<sup>4</sup>, ela permite recolocar o objeto em seu lugar de causa do desejo, retirando o sujeito da lamentação neurótica pelo que se perdeu. É a passagem do objeto como resto, dejetivo, para o objeto operando como causa, em sua função do que está “atrás”<sup>5</sup> do desejo, do que coloca o desejo em movimento.

Em um segundo sentido, podemos pensar em duas possibilidades que se colocam para a criança, como mencionamos, que ela ocupe o lugar de objeto *a* ou, como contraponto, o lugar de objeto fálico junto ao Outro. Quando a criança ocupa o lugar de objeto *a* em sua face de resto, observam-se os efeitos devastadores que podem se produzir. E aqui entra a indicação dada por Lacan quando ele sinaliza que a separação de que se trata é do lugar de objeto e não da mãe<sup>6</sup>. Indicação que vale para as duas situações: da criança como objeto fálico ou da criança como objeto dejetivo, pois, embora seja evidente que a segunda situação possa colocar mais impasses para a criança, ocupar o lugar de falo da mãe deixa a criança igualmente aprisionada, como observamos no primeiro capítulo.

Então, podemos dizer que a formulação do objeto *a* trouxe enormes ganhos para a clínica, primeiro para situar e delimitar o que se observa nas relações da criança com o Outro, mas também, e principalmente, como referência das intervenções que um analista<sup>7</sup> pode fazer para incidir nestes momentos em que algo da separação não pôde ocorrer.

---

<sup>4</sup> Cf. Miller (1996a), “A interpretação pelo avesso”.

<sup>5</sup> Cf. Lacan, 1962-63/2005, p. 115.

<sup>6</sup> Cf. Lacan, 1962-63/2005, p. 135-136.

<sup>7</sup> Não entraremos aqui nas formulações que Lacan apresenta do analista ocupando o lugar de objeto *a*, apresentadas na última lição do *Seminário 10* e trabalhadas mais detidamente no *Seminário 11*. Esta escolha se dá pela complexidade do tema, que foge ao objeto mais imediato desta pesquisa, embora lhe diga respeito por tratar de uma questão eminentemente clínica. Fica a indicação para pesquisas futuras.

Mas para além dos ganhos que o conceito de objeto *a* introduziu para a clínica, não se elimina a importância do falo como posição que pode ser ocupada pela criança em algum momento e é, inclusive, fundamental. A introdução do objeto como lugar que uma criança pode ocupar não elimina o falo como outro lugar possível e necessário, o que indica que não se elimina a tensão entre essas duas possibilidades.

Com isso, respondemos à segunda questão introduzida inicialmente à respeito da possibilidade do recurso fálico e, mais especificamente, do Édipo ainda ser uma ferramenta clínica válida após a introdução do conceito de objeto *a* por Lacan. Como procuramos demonstrar, o falo e o Édipo mantêm sua pertinência clínica, embora possa ser constatado o limite do recurso fálico para dar conta do que se coloca com o gozo. De acordo com os desenvolvimentos apresentados no segundo capítulo, algo da dimensão pulsional que se atualiza no objeto retorna e aponta a limitação do recurso fálico, a partir da metáfora paterna, para metabolizar esse excesso. Nesse sentido, podemos dizer que algo escapa ao Édipo.

Assim, podemos pensar na inserção do que investigamos no decorrer do terceiro capítulo com relação à fantasia, recurso através do qual esse resto não metabolizado pode encontrar um lugar. Essa indicação já podia ser vislumbrada em Freud quando ele dizia que a fantasia era uma cicatriz do Édipo<sup>8</sup>. Mas, podemos acrescentar a essa idéia de Freud, a partir de Lacan, que talvez mais do que um resto do Édipo, a fantasia seja o que se constrói em torno desse resto, como o que permite que esse resto tenha um lugar.

Como buscamos demonstrar, a fantasia é o que se produz a partir de um deslocamento que se dá desse lugar de objeto, quando se coloca o enigma do desejo do Outro frente ao qual ela é uma tentativa de resposta. Nesse sentido, ao articular o lugar do sujeito barrado, como o que se aproxima de um vazio<sup>9</sup>, com a dimensão de excesso colocada pelo objeto *a*, a fantasia dá a amarração necessária para que se possa falar de um eu, como uma identidade. Isso porque ninguém é só o vazio do sujeito, nem só o excesso do objeto, é preciso que haja a fantasia para

---

<sup>8</sup> Cf. seção 4.3 da quarta parte deste texto.

<sup>9</sup> Podemos pensar no sujeito como vazio se considerarmos a definição de Lacan do sujeito como o que se produz no intervalo entre dois significantes. Cf. Lacan, 1955-56/1998.

montar uma forma de ficção que dê lugar a esses elementos e os organize em uma única história.

Quando essa amarração se desfaz e o lugar que foi dado ao excesso colocado pelo objeto vem à tona, sua dimensão de resto pode causar a sensação de horror descrita pelo “Homem dos Lobos” como apresentado por Freud<sup>10</sup>. Pois o que se constata em Lacan, quando ele afirma que a fantasia é uma defesa contra a angústia, é que quando a fantasia não funciona em sua dimensão de *cena*, de *roteiro*, de “quadro no caixilho da janela” (Lacan, 1962-63/2005, p. 85), o que se desvela é esse objeto em seu lugar de horror, desorganizando a montagem que havia se produzido. Esta é, inclusive, uma das possibilidades que pode levar alguém a buscar uma análise, com a expectativa de que a antiga arrumação possa ser reestabelecida. Mas, se a análise não tem essa função ortopédica, ela poderá ajudar o paciente a fazer algo com esse insustentável que se descortinou com o aparecimento do objeto em sua faceta de real. E ele poderá ser ressituaado de objeto estranho, que causa horror e desmonta a cena, para objeto causa de desejo.

---

<sup>10</sup> Cf. Freud, 1918[1914]/1996.